Este artigo é parte integrante do Vol. 11 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2025 ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS
Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v11.n1.002

Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO: FRAUDE VERSUS VERDADE

Resurrection of Jesus Christ: fraud versus truth

Lucas Felicio da Rolt[1]

RESUMO

A presente pesquisa traz um relato de um Deus que se tornou homem para realizar o ato mais nobre que o mundo já conheceu. Antes que o mundo fosse formado Deus já tinha em mente o que fazer para que o homem, voltasse a se relacionar com ele. Vários profetas anunciaram a vinda de Jesus a terra para cumprir o plano de Deus. Depois de ser batizado iniciou seu ministério, e começou a anunciar que morreria mais ao terceiro dia ressuscitaria. Foi uma tarefa árdua, mas em nenhum momento retrocedeu, pois sabia que teria que passar pelas afrontas, humilhações, flagelos para que o plano divino fosse consumado. Recrutou doze homens para que após a sua ascensão, continuassem falando da esperança de um dia estarem com Cristo, por causa da ressurreição. Passaram-se mais de 2.000 anos e o nascimento, morte e ressurreição de Cristo continuam sendo lembrados, continuam vivos nos corações e nos lábios daqueles que levam a mensagem de salvação. Mesmo que o tempo tenha passado, essas verdades jamais serão esquecidas. O Ao longo do artigo, são examinados o testemunho bíblico da ressurreição de Jesus Cristo e as explicações que procuram contestar esse acontecimento, incluindo a hipótese de fraude e a possibilidade de reanimação após a morte aparente. A discussão reafirma a centralidade da ressurreição para a fé cristã, destacando sua importância para a mensagem proclamada pelos discípulos e para a esperança cristã.

Palavras-chave: Nascimento. Morte. Ressureição. Catalepsia. Saduceus.

[1] Bacharel em Administração, com ênfase em Comércio Exterior pela Escola Superior de Criciúma - ESUCRI. Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Integrada – FATIN. Pós-Graduação Lato Sensu em Teologia do Novo Testamento aplicada e Mestrando em Teologia, pelas Faculdades Batista do Paraná – FABAPAR. ORCID: https://orcid.org/0009-0008-2179-9778; E-mail: lucasfdarolt@gmail.com

ABSTRACT

This research brings an account of a God who became a man to perform the most noble act the world has ever known. Before the world was formed, God already had in mind what to do so that man could relate to him again. Several prophets announced the coming of Jesus to earth to fulfill God's plan. After being baptized, he began his ministry, and began to announce that he would die more on the third day he would be resurrected. It was an arduous task, but at no time did he go back, for he knew that he would have to go through, affronts, humiliations, scourges for the divine plan to be consummated. He recruited twelve men so that after his ascension, they would continue to speak of the hope of one day being with Christ, because of the resurrection. More than 2,000 years have passed and the birth, death and resurrection of Christ are still remembered, still alive in the hearts and lips of those who carry the message of salvation. Even if time has passed, these truths will never be forgotten. Throughout the article, the biblical testimony concerning the resurrection of Jesus Christ is examined, along with explanations that seek to challenge this event, including the hypothesis of fraud and the possibility of revival after apparent death. The discussion reaffirms the centrality of the resurrection to the Christian faith, highlighting its importance for the message proclaimed by the disciples and for Christian hope.

Keywords: Birth. Death. Resurrection. Catalepsy. Sadducees.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa trará um estudo sobre as evidências da ressurreição de Jesus Cristo. Desde o seu nascimento até a sua morte, não havia nada de incomum, pois isso acontece com todos os seres humanos. Jesus Cristo, porém, ultrapassou todos os limites conhecidos da sua época até nos dias de hoje quando ressuscitou. Existem muitas pessoas que acreditam nesse acontecimento, porém ainda existem pessoas que não conseguem entender essa verdade, como nos tempos de Jesus no qual existia uma classe de religiosos, mas especificamente os saduceus que não acreditavam na ressurreição. Se passaram mais de dois mil anos que esse fato aconteceu, e muitas das pessoas que acreditam que Jesus Cristo ressuscitou, não conseguem de alguma maneira provar a veracidade da ressurreição. Todo cristão precisa entender que sem a ressurreição de Jesus Cristo, não existe esperança alguma, todo o cristianismo é comprometido. Por isso, a fé deve ser aprofundada, deve ser deixada mais sólida, mais concreta procurando entender e passar adiante essa verdade que pode mudar muitas vidas. O fato de algumas pessoas não acreditarem não muda essa verdade, mas aqueles que acreditam e não procuram validar essa realidade, melhor seria nunca ter conhecido a Jesus Cristo.

Muitas pessoas que não são cristãs, conhecem a história do seu ídolo, do seu Deus, e se forem confrontados saberão defender sua fé. Infelizmente muitos cristãos não conseguem conhecer a história do seu Deus, e se forem confrontados poderão ser persuadidos, ou serão envergonhados, pois não procuram saber a razão da sua fé. Muitas pessoas importantes, líderes religiosos, pessoas que fizeram história no mundo morreram, e se alguém for ao seu túmulo encontrará apenas os restos mortais, mas se alguém for a Jerusalém, onde colocaram o corpo de Jesus Cristo, encontrará apenas uma placa com a seguinte descrição: Ele não está

aqui, pois ressuscitou. A morte foi vencida, Cristo está vivo. E essa verdade precisa estar viva dentro de cada cristão, esta certeza precisa estar gritante dentro de nós, como o ar é respirado, ainda assim há a convicção da sua existência, mesmo que não possa ser visto. Jesus sempre deixou claro para seus discípulos e para quem escutava seus ensinos, que ele morreria, mas ao terceiro dia ressuscitaria.

Em nenhum momento Jesus faltou com a verdade, sempre deixou claro que isso aconteceria. Nem mesmo o passar dos anos foi capaz de extinguir a veracidade da ressurreição. Muitas teorias, ensinamentos tem surgido para desabonar a ressurreição, mas o verdadeiro cristão ainda acredita que os céus e a terra passarão, mas as palavras de Deus jamais passarão. Ainda que a ciência não tenha métodos para provar a ressurreição, ela também não tem como desqualificá-la. Mas a cientificidade da teologia, a teologia como ciência, como conhecimento, como experiência da revelação e da razão, isso nos permite afirmar que a ressurreição não é uma fraude e sim uma verdade. Que essa pesquisa possa contribuir de maneira positiva na importância de conhecer quem está no controle da vida. Não se pode estar nas mãos de quem não se conhece, não se pode entregar o coração, emoções, sentimentos, razão para um desconhecido.

Diante desse cenário, pretende-se neste artigo apresentar os principais fundamentos bíblicos da ressurreição de Jesus Cristo e discutir algumas hipóteses que procuram oferecer explicações alternativas para esse acontecimento. Para isso, examinar-se-á os relatos evangélicos relacionados à crucificação, ao sepultamento, ao túmulo vazio e às aparições de Jesus aos discípulos, considerando também as hipóteses de roubo do corpo, desmaio seguido de reanimação e substituição por um suposto irmão gêmeo. A análise será desenvolvida em perspectiva bíblico-teológica e apologética, com base nas narrativas do Novo Testamento e na literatura consultada. Ao final, destacar-se-á a centralidade da ressurreição para a fé cristã e para a esperança na vida futura.

1. O TESTEMUNHO BÍBLICO DA RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO

Antes que o mundo fosse criado, Deus já havia traçado todo o plano de salvação para o homem. Deus jamais foi ou será surpreendido por coisa alguma. Antes que o homem pecasse, na Sua onisciência tudo já estava resolvido. Antes que Jesus viesse à terra em forma de homem, Deus usou alguns profetas para anunciarem a sua encarnação. Isaías profetizou acerca do nascimento de Cristo. Isaías é considerado o profeta que mais anunciou a vinda do Messias. Seu próprio nome tem um significado que comprova essa veracidade: Isaías significa “o Senhor é salvação”. Isaías também profetiza acerca da morte de Cristo. Ele vê o sofrimento de Cristo na Cruz. Isaías descreve agora um homem que deve padecer para que os homens fossem libertos da escravidão.

Outro profeta chamado Miquéias profetizou onde nasceria o Salvador. Ele vê que o Messias não nascerá nos imponentes ambientes da realeza em Jerusalém, mas em Belém, entre as famílias mais insignificantes de Judá. “E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre milhares de Judá, de ti sairá o que será Senhor em Israel, e cujas origens são desde os dias da eternidade” (Mq 5.2).

Deus fala através de Miquéias que o Messias será Senhor em Israel. O rei prometido não seria homem comum, pois suas origens são desde a eternidade; isso nos mostra a encarnação, pois somente Deus é desde a eternidade. Nos dias de Herodes, os líderes judeus sabiam bem essa passagem e citaram quando ele indagou onde nasceria o rei de Israel.

A profecia de Miquéias se cumpriu de maneira literal quando nasceu Jesus. A partir do nascimento de Jesus, as profecias começam a se cumprir. O nascimento de Jesus ocorreu de maneira sobrenatural. Foi concebido no ventre de uma virgem chamada Maria, sem que ela precisasse de um pai humano. Jesus teve uma mãe terrena, porém não teve pai humano. Que coisa espetacular, um tanto até cômico: como uma virgem poderia ter filho sem haver tido relações sexuais? Lucas 1.34 diz: "E disse Maria ao anjo: Como se fará isso, visto que não conheço varão?" Maria ainda não estava casada, estava apenas prometida a um homem chamado José. O homem que teve oportunidade de ser o pai adotivo de Jesus. O sobrenatural entra em ação, o Espírito Santo desce sobre Maria, e a sombra do Altíssimo cobre-a com sua sombra, e ela, então, fica grávida de Jesus. Aqui está o segredo dessa concepção virginal.

Nos dias que antecedem o nascimento de Jesus, acontece algo surpreendente: saiu um decreto por parte de César Augusto para que os súditos de todas as províncias do Império Romano fossem recenseados.

> O mencionado senso, como todas as operações dessa natureza, consistia em inscrever em registros públicos o nome, a idade, a profissão a fortuna, os filhos dos cabeças das famílias de uma comarca, cuja intenção na maioria das vezes, era lançar sobre eles impostos.[2]

José, por ser da linhagem de Davi, era obrigado a ir até Belém, para fazer o senso. Maria não ficou para trás nessa viagem, pois ela estava grávida e tudo dava a entender que a criança estava prestes a nascer. Ao chegarem em Belém, não havia mais casas particulares, nem pousadas para que pudessem se hospedar. Provavelmente, outros israelitas, que também eram da linhagem de Davi, haviam chegado primeiro. "E deu à luz o seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem" (Lc 2.7). Por não encontrarem um lugar decente para que pudessem descansar, refugiaram-se numa estrebaria.

Nasce, então, Jesus. Apenas José, Maria e alguns animais presenciam esse fato maravilhoso. Cristo nasce para cumprir tudo aquilo que foi falado acerca dEle. Nascer não foi o suficiente, pois o próprio Isaías que anuncia a sua vinda, também anuncia a sua morte. Ainda há um longo caminho pela frente.

Não existem muitos relatos inspirados da infância de Jesus. Isso não quer dizer que Jesus não teve infância. Há um silêncio nos evangelhos quanto à infância de Jesus, pois apesar de registrarem a sua vida, o foco principal tem sido o seu ministério, o calvário. Para Soares, "o plano divino revelado na Bíblia é a redenção humana, e os evangelhos registram o cumprimento do propósito de Deus para a salvação da humanidade".[3] O evangelista Lucas

[2] FILLION, Luis Claude. **Enciclopédia da vida de Jesus**. 2.ed. Tradução de Jefferson Magno Costa. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2008, p. 153.

[3] SOARES, Esequias. **Cristologia**: a doutrina de Jesus Cristo. São Paulo: Hagnos,2008, p. 76.

mostra, com clareza, que Jesus teve um desenvolvimento humano natural. Passou pelas fases progressivas dos seres humanos, ou seja, supõe-se que teve uma infância como a de uma criança comum, brincava, corria, pulava, e ajudava seu pai na carpintaria.

> "E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens... E o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele (Lc 2.40, 52). Lucas apresenta, ainda que apenas um lampejo, o desenvolvimento físico "em estatura" (2.52), espiritual e intelectual de Jesus "e o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele (2.40)".[4]

A infância de Jesus foi a mesma de uma criança gerada por apenas pais terrestres, isto é, sofrendo e participando das mesmas circunstâncias de uma pessoa humana. O último relato da infância de Jesus antes de ser batizado, foi na Festa da Páscoa, quando Jesus tinha 12 anos de idade.

Com 30 anos de idade, Jesus é batizado por João Batista no rio Jordão. Inicia-se, então, de maneira pública, o ministério de Jesus. João afirma diante de todos que ali estavam que Jesus é o Messias, o cordeiro que veio tirar o pecado do mundo. O batismo de Jesus deu continuidade ao plano de salvação, mostrando a todos que o cordeiro de Deus estava entre o povo, e tinha um propósito para cumprir, a fim de resgatar o homem, que estava afastado de Deus pelos seus pecados.

Jesus precisava compartilhar com alguém aquilo que veio fazer na terra, e também para que fosse dada continuidade aos seus ensinos. Assim, separa para si 12 homens, que se tornam seus discípulos. Os nomes dos discípulos são: André, Simão que se chamava Pedro, João, Tiago, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago que era filho de Alfeu, Tadeu, Simão o Zelote e Judas Iscariotes.

Jesus sabia que seu ministério seria curto na terra, por isso revela aos seus discípulos o plano de salvação para a humanidade, que seria consumado no calvário e confirmado na ressurreição. Jesus começa a instruir seus discípulos e prepara-os, dizendo que ele haveria de morrer, mas que venceria a morte e ressuscitaria.

Aquilo que seus discípulos temiam, aconteceu. Jesus é preso. Jesus passou pelo julgamento de Anás, do Sumo Sacerdote Caifás, do Sinédrio, de Pilatos, de Herodes e de Pilatos novamente. Jesus foi preso na época da Páscoa, e o costume era soltar um preso. Pilatos chama Barrabás para competir com Jesus. O povo, então, escolhe Barrabás. Pilatos lava suas mãos, e diz que está livre do sangue daquele justo. Começam então as torturas. Ao sair do julgamento, Jesus é açoitado. Os açoites eram praticados de forma cruel, eram permitidas 39 chibatadas pelos judeus, porém com os romanos não havia limite algum. Eles chicoteavam na intenção de deixar o acusado a um centímetro da morte.

> Naqueles dias, havia dois tipos de açoite: o judeu e o romano. O método judeu é descrito em Deuteronômio 25:1-3, onde se afirma que uma pessoa não poderia ser chicoteada mais de 40 vezes. Visto que os judeus tinham medo de quebrar a lei de Deus, eles comumente batiam na vítima 39 vezes, estando seguros meticulosamente da contagem, e que não ultrapassasse as

[4] SOARES, 2008, p. 77.

> 40 chicotadas. Mas na tortura romana, não há quantidade específica de golpes que a vítima poderia receber. Entendendo assim, os romanos chamavam a sua tortura pelo espancamento de "meio caminho para a morte.[5]

A humilhação continua: colocam nele uma veste vermelha, que simbolizava a cor que os reis se vestiam. Fazem uma coroa de espinhos, colocam sobre a sua cabeça, porque um rei deveria ter uma coroa. Deram uma cana no lugar de um cetro, zombaram dele, cuspiam e bateram com a cana em sua cabeça. Jesus já havia sido julgado, torturado, humilhado; tudo estava pronto; então se inicia a caminhada rumo à crucificação. Ao chegar no Gólgota, que significa lugar de caveira, Jesus é crucificado. Como se não bastasse as atrocidades que já haviam feito com Jesus, mesmo estando pendurado na cruz, continuaram zombando dele. As primeiras palavras de Jesus pregado na cruz foram: "Pai perdoa-lhes porque não sabem o que fazem". Às 3 horas da tarde, Jesus dá seu último suspiro. Nesse momento, o véu do templo rasgou-se de cima para baixo. Nesse mesmo horário, acontecia o sacrifício no templo, onde um cordeiro sem mancha era sacrificado. Nesse dia, o único sacrifício que Deus recebeu foi o do seu filho. O cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo foi imolado para a salvação de todos aqueles que creram e creem nele.

A lei de Moisés não permitia que os cadáveres passassem a noite no madeiro. Descumprir essa lei era atrair a maldição divina. Para terem a plena certeza de que Jesus estava morto, traspassaram-lhe o lado, de onde verteu sangue e água. A morte de Jesus não foi acidental, estava escrito nas Sagradas Escrituras.

Depois de confirmada sua morte, um homem chamado José de Arimatéia pede o corpo de Jesus a Pilatos para sepultá-lo. O pedido foi concedido; então, José de Arimatéia envolve o corpo de Jesus em lençóis com especiarias, conforme o costume dos judeus. Assim foi sepultado Jesus, num túmulo que nunca fora utilizado; a porta do sepulcro foi fechada com uma grande pedra, para que ladrões e feras não entrassem no sepulcro. Foi solicitado pelos príncipes dos sacerdotes e pelos fariseus que o túmulo de Jesus fosse guardado por soldados, porque temiam que o mesmo fosse roubado pelos discípulos e dissessem que Jesus havia ressuscitado. Assim foi feito: colocaram guardas para vigiar o local do sepulcro em que Jesus foi colocado.

O nascimento de Jesus e sua morte seriam em vão se ele não tivesse ressuscitado. Jesus havia dito que morreria e ao terceiro dia ressuscitaria. Nunca uma palavra que saiu da boca do Messias foi enganosa. Tudo o que ele falava se cumpria; ele nunca enganou ninguém.

Os soldados que estavam guardando a entrada do túmulo não viam a hora de revezar as tropas, pois nunca tinham recebido um serviço tão insensato em ficar guardando alguém que estava morto. No terceiro dia após a morte de Jesus, tudo estava tranquilo; mas, de repente, acontece um grande terremoto. Esse terremoto era o anjo do Senhor que havia removido a pedra que bloqueava a entrada do túmulo de Jesus. Algumas mulheres foram até o sepulcro para ungirem o corpo do mestre com aromas. No caminho, iam conversando de que maneira iriam remover a pedra. Mas, para surpresa delas, a pedra já estava removida; um jovem, de

[5] SWINDOLL, Charles R. **Marcado para morrer**. São Paulo: Naós, 2005, p. 118.

roupa comprida e branca, diz para elas não ficarem assustadas, e que não procurassem vivos onde há somente mortos. A ressurreição de Cristo é o pilar da religião cristã; é o que a diferencia de todas as outras religiões da terra. Todos os fundadores de denominações, seitas, formadores de opiniões, filósofos e pessoas que arrastaram multidões, morreram e continuam mortos. Se forem nos seus sepulcros, encontrarão seus restos mortais e algumas homenagens. Mas, Cristo venceu a morte e está vivo.

Dessa forma, o testemunho bíblico apresentou a ressurreição de Jesus Cristo como elemento central da mensagem cristã, em continuidade com as promessas anunciadas e com as palavras do próprio Jesus a respeito de sua morte e ressurreição. Entretanto, a importância desse acontecimento também tornou necessário examinar as explicações que procuraram contestar sua veracidade, questão que será abordada na sequência.

2. HIPÓTESES DE FRAUDE E EXPLICAÇÕES

O próprio evangelho registra que o corpo de Jesus poderia ter sido roubado do túmulo, ou seja, esconderiam o corpo de Jesus, e usariam um outro personagem para representá-lo. Existe ainda na medicina uma doença chamada catalepsia, que pode ser confundida com a morte; a pessoa perde a capacidade de mover seus membros e a sua respiração também é afetada.

> Ordena, pois, que o sepulcro dele seja guardado até o terceiro dia, para que não venham seus discípulos e, roubando o corpo, digam ao povo que ele ressuscitou dentre os mortos (Mt 27.64).

Se a própria Bíblia registra a possibilidade de uma fraude na ressurreição, é evidente que nos dias atuais ainda se apresentem algumas teorias, onde isso possa ser sustentado. Desde a ressurreição até nos dias de hoje, surgiram muitos mitos em relação à ressurreição de Jesus. Há quem acredite que Cristo não ressuscitou, mas que houve uma ressuscitação. Essa teoria diz que Cristo já havia planejado sua morte e como iria ressuscitar. José de Arimatéia ficou encarregado de não dar o vinagre tradicional para Jesus, mas uma droga, que faria com que ele ficasse inconsciente, como se estivesse morto. Depois no sepulcro, ele seria reanimado e, então, ressuscitaria.

> Para assegurar a retirada segura de Jesus da cruz, José e um judeu não identificado prepararam um plano no qual Jesus não receberia o vinagre tradicional, mas uma droga que o deixaria inconsciente e o faria parecer morto. Ele seria retirado da cruz em um transe semelhante à morte, levado por cúmplices ao túmulo, onde seria reanimado e então ressuscitaria. Assim, o sepulcro estava vazio não por causa da ressurreição, mas de ressuscitação.[6]

Se for analisado, eles não deixam de acreditar que Cristo “ressuscitou”, porém, a maneira com que acreditam na ressurreição, demonstra que Cristo não teria morrido, mas que apenas ficou inconsciente por algumas horas. Isso mostra que, com sutileza, querem

[6] HANEGRAAFF, Hank. **Ressurreição**: uma poderosa defesa do principal acontecimento do Cristianismo. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 28.

inculcar na cabeça das pessoas que Cristo, de alguma forma, falhou, principalmente quando disse que morreria e que no terceiro dia ressuscitaria.

As teorias não param por aí. Uma outra maneira que os críticos do cristianismo explicam a ressurreição é que Jesus tinha um irmão gêmeo. Jesus e seu irmão são separados no nascimento e ficam sem se ver até a crucificação. Em uma determinada ocasião, o irmão de Jesus vai até Jerusalém, e vê sua imagem refletida na cruz, e percebe que Jesus era idêntico a ele. Então ele planeja o sepultamento de seu irmão e finge ser o Cristo ressuscitado.

> A teoria do desmaio não é a única noção moderna que os críticos do cristianismo usam para explicar a ressurreição. Outra é a teoria dos gêmeos. Em certo debate ocorrido em 1995 com o apologista cristão William Lane Craig, o filósofo Robert Greg Cavin defendeu que Jesus tinha um irmão gêmeo idêntico, a quem ele deu o nome de Hurome.[7]

Essa teoria não deve ser levada a sério, pois Cristo foi fatalmente atormentado, o sepulcro estava vazio, e os discípulos foram convencidos de que Jesus lhes aparecera e que, por meio da ressurreição, suas vidas foram totalmente transformadas. Os críticos estão prontos em mostrar que as narrativas bíblicas da ressurreição são evidentemente falíveis. Eles alegam que a Bíblia é uma cópia de uma cópia de uma cópia, com novos erros introduzidos durante cada fase do processo.

Durante o tempo de Cristo e do Novo Testamento, aqueles que eram saduceus eram aristocratas. Ocupavam cargos poderosos, tinham a tendência de ser ricos. Ocupavam a maior parte dos 70 lugares no Sinédrio. Religiosamente, os saduceus eram mais conservadores na área de doutrina que os fariseus. Os fariseus enxergavam a tradição oral como tendo autoridade igual à palavra escrita de Deus, enquanto os saduceus consideravam apenas a palavra escrita como sendo de Deus. Os saduceus trabalhavam arduamente para preservar a autoridade da palavra escrita de Deus, especialmente os livros de Moisés (Gênesis até Deuteronômio). Enquanto eles poderiam ser elogiados por isso, eles não foram perfeitos em suas opiniões doutrinárias.

Os Saduceus não acreditavam na ressurreição de Cristo, como negavam qualquer ressurreição dos mortos.

> Alguns dos saduceus, que dizem que não há ressurreição, aproximaram-se de Jesus com a seguinte questão: “Mestre, disseram eles,” Moisés nos deixou escrito que, se o irmão de um homem morrer e deixar a mulher sem filhos, este deverá casar-se com a viúva e ter filhos para o seu irmão (Lc 20.27-28).

Eles negaram qualquer vida depois da morte, defendendo a crença de que a alma perecia com a morte; eles acreditavam que não há qualquer penalidade ou recompensa depois da vida terrena. Os saduceus deixaram de existir em 70 d.C. Já que este grupo existia por causa de seus laços políticos e sacerdotais, quando Roma destruiu Jerusalém e o Templo em 70 d.C., os saduceus também foram destruídos.

A análise dessas hipóteses permitiu considerar as tentativas de explicar a ressurreição de Jesus por meio de interpretações alternativas ao testemunho bíblico. A discussão, contudo,

[7] HANEGRAAFF, 2005, p. 30.

não se limitou às explicações propostas para o acontecimento, pois também envolveu as consequências da ressurreição para aqueles que a anunciaram. Por isso, torna-se necessário considerar o testemunho dos discípulos e a centralidade que a ressurreição assumiu na fé cristã.

3. O TESTEMUNHO DOS DISCÍPULOS E A CENTRALIDADE DA RESSURREIÇÃO

O sepulcro vazio testifica que Cristo está vivo. Os apóstolos defenderam essa verdade com seu sangue, entregando sua própria vida para o martírio. Somente a ressurreição de Jesus Cristo faz com que alguém possa dar a sua própria vida.

> Maria Madalena descobriu o sepulcro aberto e, apressada e erroneamente, concluiu que alguém havia roubado o corpo. Sem demora, ela foi contar a Pedro que, juntamente com João, correu até a tumba. A pedra havia sido deslocada, de modo que eles adentraram e viram os panos deixados para trás no sepulcro vazio. Então, eles se convenceram de que Jesus estava vivo (Jo 20.1-10). Contudo, uma coisa é ver a evidência e outra totalmente distinta é encontrar-se com o próprio Cristo vivo! Maria permaneceu à entrada do túmulo e encontrou-se com Jesus, mas pensou que ele fosse o jardineiro. Ao ouvir Cristo pronunciar o seu nome, Maria o reconheceu, e a sua confusão transformou-se em certeza.[8]

Jesus foi o único que pode vencer a morte, e voltar a viver para sempre. Se Cristo não ressurgisse dos mortos, não saísse da sepultura, em vão teria sido seu sacrifício. Maria Madalena avisa aos discípulos que tinha visto o mestre. No mesmo dia da ressurreição, dois discípulos do Salvador estavam indo de Jerusalém para Emaús. Eles conversavam entre si acerca dos acontecimentos dos últimos dias. De repente, enquanto conversavam, alguém começou a caminhar com eles. No primeiro momento, eles não reconheceram que aquele que estava os acompanhando era o mestre. O viajante pergunta por que eles estavam tão tristes, e qual era a conversa deles. Os discípulos ficam surpresos com essa fala, e um deles, chamado Cleopas, pergunta se ele é estrangeiro, por não saber o que tinha recentemente acontecido. O mestre, então, pergunta que acontecimentos seriam esses. E eles então disseram que falavam de Jesus de Nazaré, um profeta que tinha palavras e obras boas, e foi entregue à morte e crucificado, sendo ele justo.

> Jesus escutou os seus companheiros de viagem sem interrompê-los. E, quando estes pararam de falar, ele declarou com um tom entre severo e bondoso: Ó néscios e tardos de coração para crer em tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória? (Lc 24.25-26).[9]

Os discípulos estavam tristes, pois já havia se passado 3 dias após esses acontecimentos. Pensavam que Jesus tinha falhado e o mestre não havia ressuscitado. Ao se aproximarem de Emaús, Jesus fez que ia mais adiante. O viajante trazia consigo uma paz muito

[8] WIERSBE, Warren W. **Os eventos mais importantes da vida de Jesus**. Tradução de José Fernando Cristófalo. Santo André: Geográfica, 2017, p. 105.
[9] FILLION, 2004, p. 994-995.

grande, tanto que eles pedem que fique com eles porque já estava tarde. Jesus aceita o convite e senta-se à mesa com eles, pega o pão, abençoa-o e o parte, entregando para eles. Na mesma hora, os discípulos reconheceram que era Jesus quem esteve caminhando com eles, seus corações se encheram de alegria e esperança; não tinham mais dúvidas, Jesus havia ressuscitado. Na mesma hora, voltaram para Jerusalém e confirmaram a todos que o mestre estava vivo. Aquilo que Jesus havia dito aos discípulos, de que estaria três dias no ventre da terra, mas que no terceiro dia ressuscitaria, aconteceu: Jesus venceu a morte e ressuscitou.

> Naquele primeiro dia de ressurreição, as notícias sobre o túmulo vazio e as aparições de Jesus ressurreto começaram a chegar aos discípulos. Jesus havia aparecido a algumas mulheres. Pedro e João viram o túmulo vazio. Jesus aparecera a Pedro e, depois, a dois discípulos na estrada de Emaús.[10]

Os vinte longos séculos do cristianismo foram baseados na verdade da ressurreição de Jesus Cristo. Afirmar que o cristianismo nasceu e cresceu em cima de uma mentira e fraude seria supor um milagre ainda maior do que a própria ressurreição.

É de se notar que a pregação dos apóstolos era severamente controlada pelos judeus, de tal modo que qualquer mentira vinda deles seria denunciada de imediato pelos membros do Sinédrio. Se a ressurreição de Jesus não fosse real, se fosse uma fraude, os judeus teriam desmentido. Mas eles nunca puderam fazer isso.

O testemunho dos apóstolos sobre a ressurreição era convincente e arrastava. A ressurreição de Jesus é o ponto fundamental da fé cristã, a ponto de o apóstolo Paulo dizer: “Se Cristo não ressuscitou vazia é a nossa pregação; vazia também é a vossa fé... Se Cristo não ressuscitou, vazia é a vossa fé; ainda estais nos vossos pecados” (1Co 15.14,17). A ressurreição de Jesus é a base da fé, pois assim como o cristão crê que ele ressuscitou, também crê que ressuscitará.

> A doutrina bíblica da ressurreição envolve não somente a ressurreição de Cristo. Embora a ressurreição de Cristo seja muito importante, há mais envolvido na história – o plano bíblico de nossa salvação. Outra parte gloriosa da história é esta: Cristo é as primícias dos que ressuscitarão dos mortos, para que todos os que creram nele sejam ressuscitados como ele foi.[11]

Essa fé não surgiu mais tarde, mas é o resultado da missão de Cristo, acompanhada dia a dia pelos apóstolos. As aparições logo após a ressurreição, concebidas e transmitidas pelos discípulos imediatos de Jesus, são argumentos suficientes para anular qualquer teoria que queira negar a ressurreição corporal de Cristo. Em nome de uma miragem, de uma fantasia, milhares de fiéis não enfrentariam a morte diante da perseguição romana. O cristianismo não é uma fraude ou uma debilidade mental. É muito mais lógico acreditar na ressurreição de Jesus do que explicar a potência do cristianismo por uma fantasia de pessoas desonestas ou alucinadas.

[10] CARSON, Donald A. **Escândalo**: a cruz e a ressurreição de Jesus. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2011, p. 155.

[11] WARE, Bruce. **Cristo Jesus Homem**: reflexões teológicas sobre a humanidade de Cristo. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2013, p. 212-213.

A ressurreição de Jesus Cristo não é apenas o milagre de um cadáver reanimado. Não se trata do mesmo episódio que aconteceu com outros personagens bíblicos, como Lázaro ou a filha de Jairo, que foram trazidos de volta à vida por Jesus, e que depois de um certo tempo morreriam fisicamente, novamente. A ressurreição de Jesus não se reduz à revitalização de um indivíduo qualquer, mas através da sua ressurreição; todos aqueles que creem no seu nome, ainda que morram, voltarão à vida, e serão semelhantes a Jesus.

Após a ressurreição, por um período de 40 dias, Jesus continuou aparecendo aos seus discípulos e à multidão, de maneira geral. Sua última aparição aconteceu, especificamente, no Monte das Oliveiras. Ali o Senhor os abençoou e começou a flutuar, e uma nuvem o recebeu, até que não pode mais ser visto.

> Ele não desapareceu subitamente para nunca mais ser visto, mas foi subindo aos poucos, enquanto eles observavam, e então uma nuvem (aparentemente a nuvem da glória de Deus) tirou-a da vista deles. Mas os anjos disseram imediatamente que ele voltaria da mesma maneira que havia ido para o céu.[12]

Até na sua partida Cristo tem uma palavra de esperança. Esperança essa que se aguarda até nos dias de hoje: a sua vinda. Assim como Cristo falou que ressuscitaria, ele também afirmou que voltaria. Para o verdadeiro cristão, essa esperança, essa certeza, nunca morrerá.

O testemunho dos discípulos evidenciou a importância que a ressurreição de Jesus Cristo assumiu na proclamação do evangelho e na esperança dos primeiros cristãos. Assim, ao retomar o testemunho bíblico e as explicações examinadas ao longo do artigo, reafirmou-se a centralidade da ressurreição para a fé cristã, não apenas como fundamento da mensagem anunciada pelos discípulos, mas também como expressão da esperança de salvação e de vida eterna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deus sempre quis ter o ser humano perto dele. Em nenhum momento Deus foi pego de surpresa com o pecado. Pelo contrário, o astuto inimigo, o Diabo, não sabia o que Deus faria com o ser humano caso ele pecasse. Deus já tinha todo o plano para resgatar o ser humano antes da fundação do mundo. Deus começou a anunciar, por meio das pessoas, o que aconteceria: seu Filho viria ao mundo para resgatar a humanidade. Quando Jesus nasceu, iniciou-se o cumprimento de tudo o que havia sido anunciado a respeito do Messias. Jesus cresceu e cumpriu toda a justiça. Depois, começou a falar do seu Reino e de tudo o que viera fazer na terra. Escolheu doze homens para que, depois de sua ascensão ao céu, continuassem espalhando a esperança da salvação. O próprio Cristo anunciou que seria preso, açoitado e morto, mas que ressuscitaria ao terceiro dia. De nada adiantaria se Cristo apenas tivesse nascido e morrido, pois não faria sentido que ele nascesse, morresse e, depois, seus seguidores nunca mais pudessem vê-lo. Para confirmar o cumprimento de suas palavras, ressuscitou e apareceu aos discípulos, para que eles testemunhassem esse acontecimento.

[12] GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 516.

O cristianismo se espalhou e cresceu apesar da perseguição, não por causa do poder ou da personalidade dos apóstolos, nem das regalias da fé, pois os apóstolos eram fracos e enfrentavam penalidades, não regalias, mas por causa da experiência da ressurreição vivenciada pelos primeiros cristãos. O fato histórico da ressurreição de Cristo, em seu corpo glorificado, constituiu o alicerce de todo o cristianismo.

Ao longo da história da civilização humana, a ressurreição de Cristo continuou sendo amplamente anunciada e discutida. Isso não diminuiu a importância de seu nascimento nem de sua morte, mas evidenciou que ambos estavam relacionados à vitória sobre a morte. Foi por causa da ressurreição que se manteve a esperança de um dia estar definitivamente com Cristo, a certeza de sua presença e a continuidade da fé cristã. Também foi por causa da ressurreição que muitas vidas foram alcançadas e transformadas e que o autor desenvolveu a presente pesquisa.

Diante do que foi apresentado, a ressurreição de Jesus Cristo permaneceu como o ponto central da fé cristã e da esperança da salvação. O testemunho bíblico e a análise das explicações que procuraram contestar esse acontecimento reforçaram a importância da ressurreição para a mensagem proclamada pelos discípulos e para a compreensão da fé cristã. Assim, o artigo reafirmou que a ressurreição não poderia ser compreendida como um acontecimento secundário, mas como elemento fundamental da mensagem cristã.

REFERÊNCIAS

CARSON, Donald A. **Escândalo**: a cruz e a ressurreição de Jesus. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2011.

FILLION, Luis Claude. **Enciclopédia da vida de Jesus**. 2.ed. Tradução de Jefferson Magno Costa. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2008.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HANEGRAAFF, Hank. **Ressurreição**: uma poderosa defesa do principal acontecimento do Cristianismo. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

INTERNACIONAL, Nova Versão. **Bíblia Leitura Perfeita**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018.

SOARES, Esequias. **Cristologia**: a doutrina de Jesus Cristo. São Paulo: Hagnos, 2008.

SWINDOLL, Charles R. **Marcado para morrer**. São Paulo: Naós, 2005.

WARE, Bruce. **Cristo Jesus Homem**: reflexões teológicas sobre a humanidade de Cristo. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2013.

WIERSBE, Warren W. **Os eventos mais importantes da vida de Jesus**. Tradução de José Fernando Cristófalo. Santo André: Geográfica, 2017.